

A GEOGRAFIA DO CRIME NA METRÓPOLE:
da economia do narcotráfico à territorialização perversa em uma área de baixada de
Belém

Aiala Colares de Oliveira Couto

RESUMO

O crescimento urbano acelerado das metrópoles brasileiras trouxe grandes problemas sociais e econômicos para o país. A questão urbana, hoje, como é chamada à problemática relacionada à cidade. Assim, para entender a questão urbana é preciso antes de tudo identificar o que de fato a cidade precisa, pois o avanço da chamada “cidade ilegal”, ou seja, as ocupações espontâneas nas áreas de favelas e periferias das grandes metrópoles, hoje representam não apenas um ponto crítico de habitação, mas também o locus de reprodução da criminalidade, inclusive o tráfico de drogas. Nesse contexto, a metrópole de Belém, na Amazônia Oriental, enfrenta o avanço indiscriminado do tráfico de drogas que se manifesta em suas áreas de baixada, reproduzindo a violência e se firmando como uma configuração territorial que surge em função de uma desorganização espacial da cidade periférica. Desse modo, Belém convive com um espaço segregado que se torna cada vez mais controlado pela criminalidade, pois onde o Estado atua de forma precária, o crime se apresenta como oportunidade, daí entender porque o bairro da Terra Firme é hoje considerado o mais violento e mais controlado pelo tráfico de drogas. Assim, a territorialidade do tráfico de drogas se impõe atuando em parceria com outros crimes a partir daquelas áreas do bairro mais precárias de infra-estrutura urbana ou as áreas mais discriminadas e com isso, estabelecendo leis e códigos decifrados apenas pelos atores sociais envolvidos no esquema do crime obtendo volumosos lucros e impondo estratégias de dominação política sobre a sociedade.

Palavras-Chave: Urbanização. Segregação. Territorialização. Tráfico de drogas.

ABSTRACT

The rapid urban growth of cities has brought major Brazilian social and economic problems for the country. The urban question today, as it is called the problem related to the city. Therefore, to understand the urban question we must first of all identify what in fact the city needs, because the advancement of the so-called "illegal city", ie the occupation volunteers in areas of slums and suburbs of large cities, today does not represent only one critical point of housing but also the locus of reproduction of crime, including drug trafficking. In this context, the city of Bethlehem in the eastern Amazon, facing the advancement of indiscriminate drug trafficking that is manifested in their areas of marshland, reproducing the violence and whether signing as a territorial configuration that arises in light of a disruption periférica Space City . Thus, Bethlehem coexists with a segregated area that is becoming increasingly controlled by crime, because where the State acts in a precarious, the crime is presented as an opportunity, then understand why the neighborhood of Terra Firm is now considered the most violent and more controlled by trafficking in drugs. Thus, the territoriality of trafficking in drugs is needed working in partnership with other crimes from those areas of the district more precarious in urban infrastructure or the most discriminated against and with it by establishing laws and codes deciphered only by the social actors involved in the scheme obtaining large profits from crime and imposing strategies of political domination over the company.

Keywords: Urbanization. Segregation. Territorialização. Trafficking in drugs.

INTRODUÇÃO

A Urbanização brasileira se fez de forma desigual e excludente em um sistema político e econômico segregador tanto de espaços quanto de pessoas. E, nesse sentido, esse processo fortalece o fenômeno da exclusão social em nossas metrópoles, fato que é aproveitado pela criminalidade violenta do tráfico de drogas. Por conseguinte, os problemas urbanos e sociais presenciados nesses espaços, servem como estratégia de dominação do tráfico de drogas que inserem essas pessoas nessa atividade ou em outras ilegais, surgindo o que Castells (1996) chamou de integração perversa.

Este fato serve para aumentar a problemática da violência urbana nas grandes metrópoles brasileiras. A cidade de Belém vivencia essa realidade, pois sua evolução urbana não significou melhoria da qualidade de vida da população e nem melhores condições de moradia. Pelo contrário, grande parte da população foi deslocada para áreas de baixada, passando a morar em espaços de ocupação espontânea, sem uma organização espacial digna para a população pobre. Assim, as áreas de baixada como o bairro da Terra Firme, está dentro da lógica desigual da produção do espaço urbano, criando uma urbanização excludente e perversa que incentiva a expansão das áreas de favelas na metrópole.

Nesse contexto, o bairro da Terra Firme, por ser considerado um bairro popular pelo fato de habitar uma população pobre e pouco inserida na economia formal, passa por grandes problemas relacionados à carência de serviços urbanos e de infra-estrutura para seus moradores.

Portanto, outros problemas no bairro, relacionados ao crescimento da violência urbana, emergem, principalmente a violência imposta aos moradores pelos grupos ligados ao tráfico de drogas e quadrilhas de assaltantes que territorializam-se e utilizam estratégias de controle desses territórios e ao mesmo tempo usam mecanismos de inclusão dos moradores em seu sistema desleal e perverso.

Nesse sentido, surge uma “territorialização perversa” que está relacionada aos instrumentos de manipulação e controle impostos à população pelos traficantes como uma forma de garantir tanto o controle político–econômico quanto o simbólico–cultural do território.

Para tanto, este artigo está dividido em três partes, sendo que na primeira é realizado um breve histórico sobre a evolução urbana da do bairro da Terra Firme. Num segundo momento tem-se uma discussão a respeito da “territorialização perversa” do tráfico de drogas no bairro. E,

finalmente, uma reflexão sobre a violência urbana relacionada com a “territorialização perversa” do tráfico nas áreas mais violentas e controladas pelo crime.

1 - A EVOLUÇÃO URBANA DO BAIRRO DA TERRA FIRME

O bairro da Terra Firme, assim chamado pelo processo de ocupação que se deu pelos terraços dos rios Guamá e Tucunduba, por volta dos anos cinqüenta, nesse momento apresentava uma organização espacial marcada pela habitação provisória, ou seja, as pessoas que no bairro habitavam objetivavam apenas fazer uma ocupação temporária para dirigirem-se para outro lugar mais tarde, ou seja, não correspondia ocupação permanente, o que limitava o crescimento do bairro.

Segundo Penteadó (1968) “a Terra Firme é um bairro, muito modesto; novo ainda, pois que, em 1950, não estava ainda devidamente estruturado, é habitado por uma população pobre, que vive alojada em ‘barracas’”. Seu efetivo corresponde a apenas 1,16% dos habitantes de Belém e a densidade por hectare é uma das mais baixas da cidade 39,7 hab/há”.

Durante a evolução urbana do bairro grande parte dos terrenos pertencia às famílias tradicionais da cidade e essas terras foram sendo compradas e incorporadas pelo governo federal para a expansão da cidade universitária que nasce nesse momento em meio a uma contradição na produção do espaço urbano. Assim, o bairro da Terra Firme teve o seu crescimento em direção às áreas que correspondiam o cinturão institucional da cidade que pouco a pouco foi sendo ocupada pela habitação humana através das invasões que eram realizadas pela população de baixa renda.

O bairro da Terra Firme é absolutamente horizontalizado, sua tipologia urbana é favelada. Foi estruturada em sítio predominantemente alagável, ou seja, em área de baixada, a partir de uma extensa área institucional até hoje formalmente pertencente à Universidade Federal do Pará, dentro da 1º légua patrimonial. Sua população em 1991 era de 59.231 habitantes, representando 4,5% da população do setor urbano. Não há dúvida que áreas de tipologia favela em baixadas estarão perfeitamente representadas pelo bairro (RODRIGUES, 1996, p. 236).

Dessa forma, o que se percebe no bairro da Terra Firme é o seu aspecto mais caótico visualizado como expressão do crescimento urbano espontâneo e problemático em meio à crise urbana, resultando num amplo processo de favelização das baixadas com áreas de habitação precárias que representam o lado perverso e excludente da metrópole.

Para Penteado (1968), é muito provável que, com a construção da cidade universitária do Pará, o bairro da Terra Firme venha a desaparecer ou pelo menos, sofrer sérias limitações no seu crescimento; se assim for, poderá surgir o grave problema de deslocamento de milhares de pessoas para outros bairros de Belém, fato único na vida da capital paraense e de conseqüências imprevisíveis, pelo menos, no momento atual.

O que ocorreu de fato foi que a característica do bairro de espaço provisório pouco a pouco foi desaparecendo, pois a Terra Firme passou a ser uma das poucas áreas para a sobrevivência da população carente dentro da primeira légua patrimonial da cidade. Os anos oitenta e noventa foram décadas de intensa ocupação das áreas localizadas ao longo do canal do Tucunduba e da Avenida Perimentral por pessoas oriundas de outros bairros ou vindas do interior ou de estados próximos, principalmente do Maranhão.

O bairro da Terra Firme é onde ocorre a maior presença de não naturais, com cerca de 30,0%, sendo 77,2% originados do interior do estado, destacando-se os municípios de Igarapé Miri, Castanhal, Muaná etc., e 22,8% oriundos de outros estados, basicamente, Maranhão. A presença dos não naturais se dá na ordem de 70% do total (RODRIGUES, 1996, p. 244).

A terra firme, mesmo sendo predominantemente alagável, tornou-se uma favela com grande poder de atração de imigrantes, devido estar localizada na primeira légua patrimonial, possibilitando fácil acesso à área central da cidade, mesmo que a pé ou à bicicleta. “Sua população de não naturais é mais que o dobro do que a do bairro de Nazaré” (RODRIGUES, 1996, p.244).

Muitas dessas pessoas não naturais que passaram a ocupar o bairro vieram atraídas para Belém pela disposição de serviço de saúde e educação e ao mesmo tempo com o projeto de conseguirem emprego na metrópole, para fugir da precariedade dos serviços em seus lugares de origem. Dessa forma, o que aconteceu foi que nesse momento a especulação imobiliária que ocorria na área central e a crise econômica que o Brasil vinha passando e que atingia suas capitais, frustraram os sonhos dos forasteiros que chegaram aqui, que foram obrigados a se dirigir para áreas de baixo valor do solo e enfrentar o desemprego ou inserindo-se na economia

informal, o que neste caso é muito comum no bairro da Terra Firme, pois grande parte da população está diretamente inserida em atividades ligadas à economia informal, ou então em atividades que exercem um esforço físico como pedreiros, carpinteiros, estivadores etc.

Desde o dia 16 de Dezembro de 1975, o bairro da Terra Firme passou a ser chamado oficialmente de bairro da Montese, uma homenagem dada pela Câmara Municipal de Belém à Força Expedicionária Brasileira (FEB) pela participação na segunda Guerra Mundial. Entretanto, o nome oficial do bairro ainda não é utilizado por seus moradores e nem muito menos pelos órgãos públicos que lá atuam. Como ressalta Rodrigues (1996, p. 240):

O bairro da Terra Firme é, como já disse, um bairro que apesar de enquadrar-se na tipologia favela está localizado na primeira légua patrimonial, portanto, relativamente próximo ao centro principal. Por isso o tempo médio do deslocamento de ida e volta do domicílio ao local das atividades econômicas é de 43 minutos. O tempo médio dispendido na jornada diária das atividades econômicas é de 9 horas e 48 minutos.

Assim, o bairro da Terra Firme ou Montese é considerado uma das áreas de baixadas do espaço urbano de Belém, mas que fica próxima do centro da cidade e nesse sentido, os deslocamentos diários são intensos de pessoas que vão para o trabalho, seja ele formal ou informal, para as escolas públicas ou particulares, ou então, para outros serviços situados na área central de Belém.

Contudo, a população do bairro sofre um preconceito muito forte relacionado à sua tipologia de favela, já que o bairro ainda é carente de alguns serviços urbanos de infra-estrutura e a sua população em sua maioria é de baixo poder aquisitivo e encontra-se em grande parte inserida no mercado informal ou desempregada, o que facilita a expansão da criminalidade no bairro e inserção de uma parcela da população na economia do narcotráfico que dentro do bairro representa uma atividade bastante rentável e nesse sentido a mídia cria alguns estereótipos sobre o bairro o que fragiliza a idéia de cidadania e para o sociólogo Martins (2002, p. 39), no limite, podem usar meios ilícitos para obter os recursos de que necessitam para integrar-se: o tráfico, roubo, a violência, os meios transgressivos de participação, a deterioração dos valores éticos que deveriam permear as relações sociais, e que daí resulta, já produz seus desastrosos efeitos na socialização anômica das novas gerações na vivência cotidiana atravessada.

Pelas características do bairro da Terra Firme, percebe-se que ele está inserido na lógica da cidade informal que neste caso está representada pela ocupação espontânea das baixadas com o surgimento de invasões com tipologias de favelas que não obedecem aos padrões normais de ocupação urbana e que surgiram no bairro sem nenhum controle, alheios aos parâmetros formais de urbanização, sempre preteridas na priorização dos investimentos e melhorias urbanas.

O bairro apresenta algumas áreas que foram sendo ocupadas clandestinamente pelas invasões e nesse aspecto percebe-se que elas não obedecem aos padrões de adensamento, alinhamento, condições de ocupação do lote etc., além disso, inviabilizam, muitas vezes, obras cruciais para a estruturação da cidade, pela invasão rápida de áreas a elas reservadas, sobretudo quando esses pontos estão próximos de fontes geradoras de emprego ou fácil acessibilidade ao centro como, por exemplo, a ocupação urbana as margens do Rio Tucunduba que atravessa os bairros do Guamá, Canudos, Marco e Terra Firme que apesar de hoje encontrar-se boa parte já revitalizada ou em processo de revitalização, ainda mantem alguns traços da favelização.

A favelização em torno do canal do Tucunduba representa um amplo processo de evolução urbana da baixada da Terra Firme e ao mesmo tempo uma alternativa à moradia considerada, para alguns, como uma estratégia ao direito à cidade pela clandestinidade. Contudo, essas áreas são extremamente caóticas e problemáticas onde uma massa marginalizada e fora do mercado formal de trabalho em sua grande parte que utilizam estratégias de (sobre) vivência ligadas ao cotidiano do bairro, onde algumas delas partem da economia do crime ligadas ao tráfico de drogas.

Nestes termos, o bairro torna-se adequado para a expansão de todos os tipos de criminalidades que se reproduzem em meio a tantos problemas sociais, o que causa uma impressão de constante instabilidade vivenciada por seus moradores diante da violência urbana imposta pelos atores sociais do crime e com isso o bairro da Terra Firme é também considerado um dos mais violentos de Belém com altas taxas de criminalidade, principalmente a partir da década de 1990, e um dos fatores que motiva essa problemática é o fato de que grupos se organizam nessas áreas de exclusão e aproveitando-se da pobreza da população que aí residem e do desemprego, trazem essas pessoas para seu campo de controle, principalmente para o tráfico de drogas que se torna uma forma rápida de ganhar dinheiro.

2- A “TERRITORIALIZAÇÃO PERVERSA” DO TRÁFICO DE DROGAS NO BAIRRO DA TERRA FIRME

A produção desigual do espaço urbano, de certa forma, contribuiu para configuração de enclaves territoriais do tráfico de drogas em várias metrópoles brasileiras, inclusive em Belém. Em nossa análise espacial, em que se trata do tráfico de drogas no bairro da Terra Firme, é importante antes de destacar a questão territorial dessa atividade, fazer uma reflexão acerca da dimensão econômica que a venda da droga desempenha dentro e fora do bairro, já que não atua como uma atividade isolada, como ressalta Souza (2005, p. 53, grifo do autor):

[...] a dinâmica econômica e sociopolítica de numerosas cidades brasileiras vem sendo influenciada crescentemente pela presença do tráfico. Este não é, por conseguinte, uma realidade meramente ‘marginal’ e, portanto, não pode ser encarado como um tema ‘exótico’; trata-se de algo cada vez mais ‘normal’ e relevante, cujos efeitos se fazem sentir quotidianamente e nos mais diferentes setores da vida social, sobretudo nas metrópoles [...].

Para tanto, parte-se da premissa que agentes extrabairro, ou seja, que não residem no bairro da Terra Firme, atuam como distribuidores da droga que é comercializada nas chamadas “bocas de fumo” e com isso tem um grande poder de influência sobre as áreas onde o comércio da droga é realizado, contribuindo para a espacialização do fenômeno.

Um outro ponto importante a ser destacado é que geralmente as áreas escolhidas para a comercialização do tráfico são as mais periféricas e problemáticas nas áreas de infra-estrutura e serviços urbanos, o que deixa bem claro que estrategicamente o tráfico se territorializa nessas áreas e a partir daí ampliam seu raio de ação.

Facilmente as pessoas pobres são captadas pelo tráfico de drogas, principalmente crianças e adolescentes que ao perceberem as possibilidades de ganhos, ignoram as possibilidades de riscos ao entrarem no sistema. Além disso, uma grande leva de pessoas que não concluíram os estudos e estão desempregadas passam rapidamente para o tráfico ou como vendedores, consumidores ou soldados dos traficantes. No caso de consumidores, eles partem para os assaltos à mão armada e pequenos furtos, pois precisam de dinheiro para consumir a droga.

A vinculação com a economia ilegal se dá sobre a base de uma racionalidade econômica, aplicada à luz da realidade social de um país marcado por uma proverbial desigualdade de oportunidades, notadamente no que tange ao acesso a bons empregos no setor formal da economia, e não por qualquer ‘desvio moral’ ou ‘inclinação patológica do crime’ (SOUZA, 2005, p. 67, grifo do autor).

Assim, é perceptível a relação que o tráfico de drogas tem com a população segregada e pobre do bairro da Terra Firme, pois são essas pessoas que serão utilizadas como soldados, aviões e vendedores dentro do sistema de comercialização da droga. E se tratando de um bairro periférico como a Terra Firme, percebe-se que as dificuldades para a materialização do tráfico são poucas, pois ainda encontram-se áreas precárias, verdadeiras favelas e bolsões de miséria e pobreza com famílias desestruturadas, desemprego, alcoolismo, tabagismo, analfabetismo, ausência de qualificação profissional, ou seja, tudo aquilo de que a economia do tráfico de drogas necessita para se firmar como uma oportunidade crescente de ascensão econômica e melhor acesso aos bens de consumo básicos para a manutenção da vida.

A apropriação/dominação do território por grupos ligados ao tráfico obedece duas dimensões aqui levantadas. O território do tráfico drogas, pode ser analisado em seu sentido político-econômico e simbólico-cultural na perspectiva de Haesbaert (2002).

Então:

[...] a concepção de território analisado neste trabalho serão essas duas citadas acima, a primeira diz respeito à concepção de território político – econômico, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes – mas não exclusivamente – relacionada ao poder político do estado e ao mesmo tempo o território é visto como fonte de recursos e/ou incorporados no embate entre as classes sociais e na relação capital – trabalho (HAESBAERT, 2002, p. 121).

No caso do território do tráfico de drogas na Terra Firme, a atuação de grupos criminosos desafia o poder público a partir do momento que a “criminalidade violenta” se manifesta como barreira a alguns serviços públicos ou então passando a ter o controle efetivo do território através da força, impedindo a atuação de outros grupos e monitorando a vida dos moradores,

estabelecendo regras que devem ser cumpridas e nunca desrespeitadas. Como destacam os entrevistados abaixo:

A outra concepção de território analisada aqui de acordo com a proposta de Haesbaert (2002, p. 121), é a relacionada com concepção de território simbólico – cultural, “que prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido”.

Em alguns territórios controlados pelo tráfico de drogas no bairro da Terra Firme, existe uma representação simbólica do crime que é utilizada como estratégia de controle do território. Com os constantes assaltos, as pessoas que não residem no local ou até mesmo o grupo têm certo respeito aos moradores da área, impedindo os assaltos, prestando favores. Na verdade faz parte de uma estratégia, pois são territórios consolidados ao longo do tempo por grupos que surgem e aí se reproduzem e o conhecimento quotidiano do bairro e a relação com espaço vivido são importantes para o sistema ilegal da droga, além do mais, nessas áreas podem surgir mais soldados, mais aviões e mais olheiros que são importantes para a manutenção do comércio da droga.

Para Gomes (2002 p. 64):

Esse espaço não é só fortemente marcado, como também preenchido de signos inclusivos, ou seja, que demarcam a presença ou controle daquele território pelo grupo ou comunidade. Não raramente ritos iniciadores funcionam como provas de fidelidade, como julgamentos de submissão à ordem comunitária ou como confirmação do poder do grupo sobre os indivíduos e sobre o espaço. Esses ritos são organizados também segundo percursos espaciais, carregados de simbolismo, seja em incursões em áreas de conflito, seja em estadias do grupo original ou ainda pela organização de roteiros iniciáticos.

Em algumas ruas onde o tráfico se manifesta é perceptível alguns elementos que são reconhecidos por outros grupos como uma demarcação simbólica do tráfico de drogas, ou representam áreas de risco como a polícia prefere chamar, a exemplo da velha ponte da Passagem Nossa Senhora das Graças que é conhecida no bairro pela atuação de grupos ligados ao tráfico de drogas na área de encontro. Na Passagem 24 de dezembro, onde o comércio da droga impera destacando-se por ser uma área de alta periculosidade, principalmente para moradores que não

são reconhecidos como da área, ocorrem assaltos constantes e assassinatos, não sendo recomendável passar por essa área tarde da noite.

As drogas mais comercializadas na área acima destacada são a maconha e a pasta de cocaína (nóia) e podem ser compradas diretamente na boca, ou seja, no ponto central de venda da droga. Existem vários pontos nessa área, que já foi conhecida em Belém como o “Shopping da droga”, pela facilidade de acesso e pela quantidade de droga comercializada. É importante destacar que se trata de pontos de articulação do distribuidor (traficante A) com pessoas que fazem o comércio da droga em troca de salários, nesse caso, os “gerentes da boca”, também chamados de traficantes, pelo fato de venderem a droga.

Outro ponto importante a destacar da Passagem Nossa senhora das graças com a Passagem 24 de Dezembro, é que ela já foi área de disputa de traficantes que tinham, ou ainda têm, interesse no comércio local da droga.

Outro destaque no bairro da Terra Firme, pelo comércio de drogas, diz respeito à área da Malvina que corresponde aos limites do bairro do Guamá, canudos e Terra Firme, na baixada do canal da Mundurucus, pois na década de 80 essa área foi ocupada por sem tetos que construíram uma ocupação espontânea e que não representava condições dignas de habitabilidade humana.

Nesse sentido, surge uma configuração espacial adensada e desorganizada com uma grande massa de pessoas aglomeradas em uma favela que se localizava sobre o canal, sujeitas às enchentes, desabamentos das casas construídas precariamente, doenças, além de maior exposição ao crime, pois se trata de uma área de exclusão social e segregação, ou seja, que não obedece aos padrões da cidade legal e sim à margem dessa cidade, construída a partir de uma carência das políticas urbanas, como ressalta Souza (2005, p.135):

Ressaltamos que neste contexto de desorganização sócio-espacial a partir do fenômeno urbano experimentado pela sociedade brasileira e ao longo deste trabalho, a preocupação esteve centrada na problemática urbana, principalmente aquela visualizada pelo viés da violência urbana que se reproduz em áreas faveladas e se expande na cidade, e nesse sentido cabe destacar a atuação do tráfico de drogas em área faveladas de Belém. “As favelas, sendo um dos pontos de maior importância no esquema de venda de drogas, se justificam amplamente à medida que, apesar de se constituir um ilícito penal, representa uma maior circulação de renda no interior dessa estrutura espacial.” (CAMPOS, 2005, p. 85).

Com o projeto de macrodrenagem, a invasão da Malvina, como era popularmente conhecida no bairro da Terra Firme, desapareceu, mas deixou como herança, uma configuração urbana problemática e caótica do ponto de vista social e ambiental, onde a população ficou exposta aos riscos quotidianos dos constantes conflitos entre facções rivais e nessa área o destaque também é para a venda de maconha e pasta de cocaína, fazendo frente ao comércio da Passagem Nossa senhora das graças com a 24 de Dezembro.

Além disso, a grande quantidade de becos existente nessa área é utilizada estrategicamente por bandidos para fugirem da polícia ou de assaltos cometidos por perto, dificultando a atuação polícia e, conseqüentemente, favorecendo a atuação do crime, pois onde a polícia não se faz presente o crime se apresenta como o “dono do pedaço”, territorializando-se e atuando de forma eficaz tanto na dominação político-econômica quanto na apropriação simbólico-cultural do território.

3- A VIOLÊNCIA URBANA E A “TERRITORIALIZAÇÃO PERVERSA”

O território do tráfico de drogas na Terra Firme deve ser notado pelos agentes de outros grupos ligados ao sistema ou pelos consumidores, assim como pelas pessoas que residem no bairro. Nesse sentido, alguns grupos impõem uma demarcação simbólica no território em que atuam. Para isso, nomes simbólicos são dados a algumas áreas controlados pelo tráfico como: Morro, Rocinha, Malvina, Ponte etc. São nomes simbólicos que demonstram uma relação de identidade territorial dos atores sociais envolvidos.

Parte-se do pressuposto que para o tráfico de drogas no bairro, o território tem além de um sentido político, um valor simbólico, por isso nesta discussão é importante uma análise da proposta integradora do professor Haesbaert (2002) na sua concepção de território na dominação político-econômica e na apropriação simbólico-cultural, não descartando a importância do trabalho de Souza (1995, p. 78) no qual o território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder. Pensando o território do narcotráfico como uma estrutura espacial preparada para a guerra, ele atende então a essa primeira exigência, pois tinha relações de poder constituído externamente com o Estado, buscando o controle do território.

Então, a “territorialização perversa” do tráfico e de outros grupos criminosos ocorre quando os atores sociais inseridos nesse processo impõem todo e qualquer tipo de violência sobre as pessoas residentes ou não no bairro da Terra Firme, aquilo que Souza (2008), em seu livro Fobópole, fala, que é sobre a questão do medo generalizado e da militarização da questão urbana no Rio de Janeiro onde: Fobópole é uma cidade em que grande parte de seus habitantes, presumivelmente, padece de estresse crônico (entre outras síndromes fóbico-ansiosas, inclusive transtorno de estresse pós-traumático) por causa da violência, do medo da violência e da sensação de insegurança” (SOUZA, 2008, p. 40).

Portanto, no território, no seu sentido político-econômico, o tráfico estabelece leis e limites que devem ser seguidos e jamais desrespeitados pelos outros, visto que para o grupo territorializado, o território também é visto como fonte de recursos, já que representa um valor econômico, visto que é nele que o grupo comercializa a droga, e nesse sentido também recebe um valor simbólico-cultural que é importante para o reconhecimento do território pelos “outros”.

A “territorialização perversa” no bairro da Terra Firme está inserida nesse contexto acima e, portanto, a violência urbana que a metrópole de Belém sofre faz parte de uma lógica perversa de integração ao crime onde estratégias de grupos ligados ao tráfico de drogas desafiam o poder do Estado, criam uma outra forma de poder paralelo a ele e influenciam a expansão da criminalidade.

A Terra Firme é vista pela sociedade como um bairro violento, perigoso e marginalizado, controlado pelo tráfico de drogas e pela violência, recebendo um grande destaque da mídia que destaca os principais crimes ocorridos nele.

Para não parecer que o bairro inteiro é perigoso, destacaremos as áreas mais perigosas que, de acordo com os registros da Polícia Civil, são consideradas áreas de risco devido ao grande número de boletins de ocorrência e as áreas controladas pelo tráfico de drogas. Os destaques são para as ruas: São Domingos, próximo ao Tucunduba; Lauro Sodré, no limite com o bairro do Guamá e atrás da Escola Brigadeiro Fontenelle; Passagem Ligação; Passagem Brasília, próximo à Ligação, Passagem Comissário; área do campo da Terra Firme; Perimetral, entorno da UFRA e do NPI; Passagem Nossa Senhora das Graças; Rua do Olaria, área da antiga invasão da Malvina na descida do canal da Rua dos Mundurucus; Rua 24 de Dezembro; São Pedro com a Passagem Maranhão; invasão do Curtume Santo Antônio e principalmente a área de entorno da ponte do Tucunduba.

Essas áreas são os destaques no bairro, apontadas como as mais perigosas e percebe-se que no caso do entorno do Tucunduba, por representar um local de encontro entre dois bairros populosos o Guamá e a Terra Firme, tinha-se uma imensa área de invasão que mesmo com o projeto de revitalização do Tucunduba permaneceram becos e locais de habitação precária que ainda demonstram o retrato da segregação e exclusão e além disso é apontada pela polícia como o principal ponto de entrada da droga no bairro. “Em suma, a violência introduz mais uma desigualdade social e territorial numa cidade que já possui muitas” (CANO, 1997, p.39).

Escrever sobre a violência urbana é compreender a tática dos pobres exasperados pela espera, as estratégias permeadas por objetivos incertos e motivações obscuras; “é conhecer o método que empregam para alimentar-se, quando suas mesas estão vazias e não lhes é oferecido a oportunidade de se proletarizar” (PEDRAZZINI, 2006, p. 14).

De certo, encontram-se na Terra Firme muitas áreas com bolsões de miséria pobreza e são a partir delas que o tráfico e a violência crescem e se territorializam, principalmente aquelas ruas cheias de becos que servem como fuga. Pode-se dizer que se está diante de um processo de segregação residencial de um grupo social por outro quando uma parcela da população é forçada ou induzida, em princípio, contra a sua vontade, a viver em um local no qual, se pudesse escolher, não viveria – ou, pelo menos, não viveria confinada àquele local, ou ainda melhor, àquele tipo de local. (SOUZA, 2008, p. 56). O urbanismo desenfreado dos bairros pobres responde ao urbanismo do medo, assim como a violência dos pobres responde à violência da urbanização. Face à desordem que parece impor seu ritmo ao movimento das coisas construídas, o decifrador dos “rituais do caos” (MONSIVÁ, 1995 *apud* PEDRAZZINI, 2006).

Portanto, para a organização do tráfico e expansão da violência urbana, faz-se necessário uma desorganização espacial e uma massa de carentes e necessitados urbanos que se tornam mão de obra farta e descartável para o tráfico. “A isso se acrescenta que a organização espacial interna típica das favelas inclui uma estrutura viária labiríntica de becos e vielas estreitos, o que dificulta as tentativas de invasão por parte de quem não conheça bem o espaço” (SOUZA, 2008, p. 61).

Assim, é importante destacar a idéia de Arendt (1994, p.34) sobre o poder. Ela afirma que o *Poder* advém da capacidade de agir em conjunto, ou seja, da atividade de construir articulações. “É o apoio do povo que confere poder às instituições de um país”.

Essa afirmação se enquadra na análise do tráfico de drogas. O que delega poder a essa forma de organização é o apoio do povo, a submissão dos habitantes vizinhos, não exatamente e

apenas as armas e as formas de intimidação dos traficantes e seus soldados. Ou seja, o narcotráfico não é poderoso por ser violento, mas pela capacidade de articula-se de forma eficaz. Essa articulação ocorre tanto junto a essas bases, através de solidariedades orgânicas, quanto junto aos governos e às redes internacionais de tráfico de drogas, através de solidariedades organizacionais de acordo com a idéia de Santos (1996).

Nesse sentido, o Estado não será poderoso, está se tornando violento como vem ocorrendo no Rio de Janeiro, com a questão da militarização urbana e, dificilmente, conseguirá vencer o narcotráfico sem desarticular a verdadeira base de poder dessa forma de crime. “A cidade é uma fábrica social da violência, onde os jovens dos bairros pobres são proletários sem descanso” (PEDRAZZINI, 2006, p. 97).

Assim, quando se observa processos de territorialização de grupos ligados ao tráfico de drogas em áreas faveladas, têm-se enclaves territoriais em meio a uma dialética envolvendo a abertura e o fechamento do território, ou seja, a organização em rede articulada em cadeia com os fornecedores de armas e drogas e consumidores que fazem parte de um sistema não isolado, mas articulada em redes de relações que controlam território e desafiam o poder do Estado.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bairro da Terra Firme se enquadra na lógica da produção desigual do espaço urbano da metrópole. Nesse sentido, entender a dinâmica urbana da metrópole de Belém requer uma análise espacial dos problemas que a cidade enfrenta, visto que a segregação sócio-espacial e a concentração da pobreza na periferia continuam levando ao processo de exclusão social e à favelização.

Assim sendo, a urbanização excludente da cidade de Belém evidencia não apenas estes problemas destacados acima, pois Belém vive sobre o círculo do medo e da violência urbana. Para tanto, a criminalidade urbana expande-se na periferia da metrópole e o tráfico de drogas se organiza em pontos estratégicos, articula sua atuação através do território e desafia o poder do Estado.

A territorialização do tráfico de drogas no bairro da Terra Firme é um fenômeno que surge a partir de áreas problemáticas de infra-estrutura urbana, que são importantes para a atuação dessa atividade, levando à expansão do crime e da violência.

Essa “territorialização perversa” apóia-se no medo e no controle do território pelo uso da força e num bairro com tantos problemas sociais, a territorialização do tráfico não encontra dificuldades em fixar pontos de vendas de drogas e selecionar, a todo o momento, mão de obra para essa atividade ilegal.

A população da Terra Firme sobrevive em meio à criminalidade urbana que o bairro demonstra, sob o controle de algumas áreas pelo tráfico e por quadrilhas de assaltantes que impõem regras à sociedade como estratégia de controle territorial. Contudo, identidades territoriais também são criadas e cada vez mais, jovens são levados a fazer parte desse sistema.

Nesse sentido, tem-se uma espacialização da criminalidade violenta que controla várias partes do bairro e reproduz a violência urbana com grande influência do tráfico de drogas. O tráfico de drogas não é uma exclusividade dos bairros periféricos como a Terra Firme, mas a partir dele o comércio de drogas ganha visibilidade e incentiva a expansão do crime.

Para tanto, os traficantes vão buscar aqueles pontos estratégicos do bairro onde será mais fácil controlar o território e incorporar pessoas para o seu sistema. A falta de oportunidades, a pouca participação do estado, a ausência de políticas sociais, a ausência da família, a dificuldade de sobrevivência, os baixos salários e o desejo pelo consumo, podem ser apontados como alguns fatores que levam à criminalidade do tráfico de drogas.

Pode-se assim dizer que a violência impera na Terra Firme junto com tráfico de drogas que controla grande parte do bairro e incentiva os jovens à criminalidade e sendo assim, cabe ao estado impor limites à criminalidade e restabelecer a ordem, caso contrário, o bairro se transformará em uma grande área controlada pelo crime que envolverá toda a sua população.

Enquanto houver políticas urbanas de segregação e pouca presença do Estado em áreas problemáticas na metrópole, o tráfico de drogas vai impor suas estratégias de dominação político-econômico e apropriação simbólico-cultural. E nesta pesquisa, procurou-se chamar a atenção para a dimensão que o problema relacionado ao tráfico de drogas na Terra Firme alcançou nos últimos anos, destacando as formas de organização do tráfico e os fatores determinantes para que a criminalidade violenta continue a se expandir na cidade.

E como Belém é uma metrópole que cresceu de forma desestruturada em direção às suas áreas de baixada, significa dizer que ainda existem outros pontos críticos na cidade que devem ser levados em consideração para um possível projeto de inserção social e de melhoria da qualidade de vida da população, como uma forma de impedir a atuação do tráfico de drogas nas periferias.

Cabe ao poder público atuar de maneira eficaz e precisa nas formulações políticas públicas para a cidade, como forma de resgatar a cidadania e a segurança da sociedade e esse é o maior desafio das atuais políticas urbanas, e a Terra Firme, como um bairro popular, enquadra-se perfeitamente nas possibilidades de reprodução da economia do narcotráfico em uma articulação que obedece à cadeia de produção e distribuição da droga, na qual o pobre é a maior vítima da violência e a sociedade, como um todo, refém do medo e da criminalidade.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

CAMPOS, A. **Do quilombo à favela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CANO, Ignácio. **Análise territorial da violência no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: ISER, 1997.

BELÉM. SECRETARIA MUNICIPAL DE COORDENAÇÃO GERAL DE PLANEJAMENTO E GESTÃO - **SEGEP**. **Anuário estatístico de Belém**. BELÉM: **PMB**, 2006

BELÉM. COMAPNHIA DE DESENVOLVIMENTO METROPOLITANO - CODEM, **Monografia das Baixadas de Belém**. Belém: PMB, 1976.

GOMES, P. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. Entre as redes e os aglomerados de exclusão. In.: CASTRO, I, E. et al. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MARTINS, J. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PEDRAZZINI, YVES. **A violência das cidades**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

PENTEADO, A. **Belém do Pará (Estudos de Geografia Urbana)**. Belém. UFPA, 1968. 2 v.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RODRIGUES, E. **Aventura Urbana:** urbanização, trabalho e meio ambiente em Belém. Belém. NAEA/UFPA, 1996.

SANTOS, Milton.. **A Urbanização brasileira.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SOUZA, M. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, GOMES & CORRÊA. **Geografia:** conceito e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. **O desafio metropolitano:** um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____, M. As drogas e a questão urbana no Brasil: a dinâmica sócio-espacial nas cidades brasileiras sob a influência do tráfico de tóxicos. In: CASTRO, GOMES & CORRÊA. **Brasil:** questões atuais de reorganização do território. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. **Fobopóle:** o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. **A cidade dispersa:** os novos espaços de assentamento em Belém e a reestruturação metropolitana. 1998. [não paginado].Tese (Livre Docência), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.